



“DA RUA PARA A ESCOLA” O MOVIMENTO HIP HOP NO LIVRO DIDÁTICO: O ENSINO DA HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA

SILVA, Ana Lúcia da

Professora Assistente – DHI - UEM

Doutoranda em Educação – PPE – UEM¹

alsilva74@hotmail.com

Nesse trabalho apresentado no Simpósio temático: **“Docência em História: travessias formativas, saberes profissionais e experiências didáticos-históricas”**, no **XXIX Seminário Nacional de História**, que versa sobre a temática: **“Contra Preconceitos: História e democracia”**, propomos a análise de um dos capítulos do **Livro didático de Educação Física** (2006), organizado por professores/as da rede pública estadual do Paraná, que contempla uma das expressões da cultura afrobrasileira: o Movimento Hip Hop. Por várias décadas a cultura popular negra foi desvalorizada no espaço escolar, devido à tradição eurocêntrica, que historicamente desqualificou as práticas culturais oriundas dos povos indígenas, negro e mestiço.

Devido às teorias raciais do final do século XIX e início do século XX, a política de branqueamento e o olhar eurocêntrico, historicamente no currículo escolar a História e cultura europeias foram valorizadas, em detrimento dos povos indígenas, africanos e seus descendentes (MUNANGA, 1999: 15).

Com o fim da escravidão em 13 de maio de 1888, os/as negros/as conquistaram a liberdade, mas tiveram que lutar pela cidadania. O povo negro passou a viver em paupérrimas, por isso em 1931 foi fundada a Frente Negra Brasileira (MALERBA & BERTONI, 2001: 60-61).

¹ Programa de Pós-Graduação em Educação (PPE) – Doutorado, linha de pesquisa: Ensino, aprendizagem e formação de professores. Universidade Estadual de Maringá - UEM. Maringá - Paraná - Brasil.



Ao longo do século XX o Movimento negro lutou contra o racismo e reivindicou que a História da África fosse incluída no currículo escolar. Depois de sete décadas de luta do Movimento negro, no início do século XXI houve a aprovação da Lei n. 10.639/2003, que tornou obrigatório o estudo da “história, cultura afrobrasileira e africana” no currículo escolar.

Com a aprovação da Lei n. 10.639/2003, a atuação do Movimento Indígena e também a aprovação da Lei n. 11.645/2008 que estabeleceu o estudo da História e cultura afrobrasileira, africana e indígena nas instituições de ensino de nosso país, outras identidades que foram silenciadas, passaram a ter visibilidade no currículo escolar.

Para Ivor Goodson (1997: 9), o currículo escolar é uma construção social, e o conhecimento escolar é um artefato social e histórico sujeito a mudanças e flutuações. Goodson (1997:10) afirma que o currículo escolar não é neutro, uma realidade fixa e atemporal. E mais, o processo de seleção e de organização do conhecimento escolar no currículo não é natural e inocente. O currículo escolar é fruto de escolhas de acadêmicos, cientistas, educadores, políticos e/ou grupos sociais que buscam determinar quais conteúdos serão incluídos e/ou excluídos, e legitimarão certos grupos e ideias.

Nesta perspectiva, neste trabalho objetiva-se refletir sobre o ensino da história e cultura afrobrasileira no espaço escolar, tendo como objeto de análise o capítulo: "Hip Hop: movimento de resistência ou de consumo", que integra o Livro Didático de **Educação Física** (2006), na perspectiva dos Estudos Culturais que têm como um de seus grandes expoentes Stuart Hall.

Esse “livro didático público” foi organizado por um grupo de professores/as da Rede Pública Estadual de Educação do Paraná e distribuído cópias impressas aos/as professores/as e alunos/as do Ensino Médio; e também há uma versão em pdf, disponível no Portal da Educação do Estado do Paraná <www.educacao.pr.gov.br>. Os organizadores da área de Educação Física ao incluírem a História e cultura afrobrasileira em alguns capítulos deste livro, deram visibilidade à capoeira e ao Movimento Hip Hop, e construíram caminhos para o diálogo interdisciplinar com a área de História. Na contemporaneidade, na sociedade capitalista globalizada, as tecnologias de informação



e comunicação revolucionaram a vida cotidiana das pessoas, por exemplo: a internet e as redes sociais. O portal de educação do estado do Paraná, por meio do sistema de *web*, disponibiliza diversos materiais didáticos de diferentes áreas de conhecimento aos/as professores/as e aos/as alunos/as, propiciando outros recursos que poderão contribuir para o desenvolvimento das atividades pedagógicas no espaço escolar.

Com a aprovação da lei 10.639/2003 se tornou obrigatório o ensino da história africana e cultura afro-brasileira nas instituições de ensino público ou privado em nosso país e incluiu 20 de novembro, como o Dia Nacional da Consciência Negra no calendário escolar. Neste sentido, o currículo e a produção de materiais didáticos foram repensados e revisados (BRASIL, Lei 10.639, 2003).

Depois de 14 anos da aprovação da Lei n. 10.639/2003, ainda constatamos que é preciso desconstruir estereótipos sobre os povos não europeus, principalmente, as imagens negativas construídas sobre os indígenas, negros e mestiços. Sendo assim, é essencial repensar a escola, a formação docente inicial e continuada, as práticas pedagógicas e a abordagem dos conteúdos do currículo. Como nós podemos conceber a escola?

A instituição escolar é um espaço permeado por tensões e conflitos culturais, devido à diversidade étnica e cultural. O cotidiano escolar e as culturas precisam ser trabalhadas na formação inicial e continuada de professores/as. A partir desta premissa, é relevante nós expormos a necessidade do trabalho pedagógico com a análise de diferentes linguagens e produtos culturais no espaço escolar. Como também "favorecer experiências de produção cultural e de ampliação do horizonte cultural dos alunos e alunas, aproveitando os recursos disponíveis na comunidade escolar e na sociedade" (CANDAUI, 2013: 35).

A organização do currículo escolar é um processo de inclusão de certos conhecimentos e de certos indivíduos, como também de exclusão de outros. Este artefato cultural estabelece diferenças, constrói hierarquias e produz identidades (SILVA, 2010: 11-12). O currículo não deve ser visto simplesmente como um espaço de transmissão de conhecimentos. O currículo é um espaço de significação e está relacionado ao processo de formação de identidades sociais. Este "está centralmente



envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos, naquilo que nos tornaremos. O currículo produz, o currículo nos produz" (SILVA, 2010: 27).

A aprovação da Lei n. 10.639/2003 promoveu a inclusão da história e cultura afrobrasileira e africana no currículo escolar. Isso se tornou um desafio aos/as professores/as que lutam por uma Educação multicultural, onde a história, cultura africana e afrobrasileira tenha visibilidade.

Sendo assim, é preciso repensar a educação escolar e o ensino de História, a fim de que nossos/as alunos/as possam ter acesso ao conhecimento científico, aos múltiplos saberes, conhecer a si e o/s outro/s, os múltiplos povos que formaram e formam o povo brasileiro, ecoando nas instituições de ensino múltiplas identidades, sem hierarquização, e nos orgulhar de nossa herança africana e negra.

Neste sentido, é relevante o estudo da História e cultura afrobrasileira em diferentes áreas de conhecimento, e não apenas na disciplina de História. Por isso, selecionamos, como objeto de análise, o **Livro didático de Educação Física** (2006), destinado aos/as professores/as e alunos/as do Ensino Médio da rede pública estadual do Paraná, disponível na internet no Portal de Educação, contribui para conhecer um pouco da história e cultura afrobrasileira em um de seus capítulos que trata do Movimento Hip Hop.



Fonte: PARANÁ. Portal de Educação do Estado do Paraná.



Disponível no site: <
<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br>> Acesso em: 18
maio 2017.

Esse “livro didático público” é fruto de um trabalho pedagógico coletivo, que foi elaborado por um grupo de professores/as da Rede Pública Estadual de Educação do Paraná e distribuído gratuitamente cópias impressas aos/as professores/as e alunos/as do Ensino Médio. Além da versão impressa há uma versão em pdf disponível no <http://www.diaadia.pr.gov.br> o Portal Educacional do Estado do Paraná. Com base na “Apresentação” desta publicação, é a primeira vez que um livro didático de Educação Física busca subsidiar a prática docente escolar, contemplando a abordagem de práticas corporais, levando-se em consideração aspectos técnicos, táticos, históricos, sociais, políticos e culturais (PARANÁ, 2006: 10-11).

O livro de Educação Física está organizado da seguinte forma: “Carta da Secretaria”, mensagem “Aos estudantes”, “Sumário” e “Apresentação”. Esta publicação contempla 5 Conteúdos estruturantes: “Esporte”, “Jogos e Brincadeiras”, “Ginástica”, “Lutas” e “Dança”. Estes organizam os 14 capítulos que compõem a publicação. Sendo assim, no sumário se apresenta a seguinte organização: “Conteúdo estruturante: Esporte”: Introdução, 1 – o futebol para além das quatro linhas, 2 – A relação entre a televisão e o voleibol no estabelecimento de suas regras, 3 – Eu faço esporte ou sou usado pelo esporte?; “**Conteúdo estruturante: Jogos e brincadeiras**”: **Introdução**, 4 – Competir ou cooperar: eis a questão, 5- O jogo é jogado e a cidadania é negada; “**Conteúdo estruturante: ginástica**”: Introdução, 6 – O circo como componente da ginástica, 7- Ginástica: um modelo antigo com roupagem nova?, 8 – Saúde é o que interessa? O resto não tem pressa!, 9 – Os segredos do corpo; “**Conteúdo estruturante: Lutas**” Introdução, 10 – Capoeira: jogo, luta ou dança?, 11 – Judô: a prática do caminho suave; “**Conteúdo estruturante: Dança**”- Introdução, 12- Quem dança seus males..., 13 – Influência da mídia sobre o Corpo do Adolescente, **14 – Hip Hop – movimento de resistência ou de consumo?** (grifo nosso) (PARANÁ, 2006: 4-9).

O **livro didático de Educação Física** construiu caminhos para o estudo da capoeira e do Hip Hop, são expressões da cultura popular negra no espaço escolar.



Além disso, esta publicação deu visibilidade à história do negro no Brasil e nos Estados Unidos, e a identidade negra na escola.

Nesse trabalho apresentaremos a análise de um dos capítulos que compõe o “Conteúdo estruturante: Dança”: “14 – Hip Hop: movimento de resistência ou de consumo?”, de autoria: da professora Cíntia Müller Angulski do Colégio Estadual Professor Pedro Macedo, Curitiba – PR; do professor Mario Cerdeira Fidalgo, do Colégio Estadual João Ribeiro de Camargo, Colombo – PR; e do professor (SILVA, 2006: 227).

O **livro didático de Educação Física** tem 248 páginas. Destas, 20 páginas foram dedicadas ao estudo do Movimento Hip Hop, da página 227 a 246 (SILVA, 2006).

Na perspectiva dos Estudos Culturais como podemos conceber o Movimento Hip Hop?

O Movimento Hip Hop é umas das expressões das culturais juvenis nos espaços urbanos das cidades, na sociedade contemporânea. As culturas juvenis são as maneiras como os jovens expressam suas experiências sociais coletivamente, expondo seus estilos de vida, no âmbito da vida social (FEIXA, 1998: 85).

As culturas juvenis contemporâneas são marcadas pelas condições sociais e multiculturais, apresentando significados e representações múltiplas. As juventudes contemporâneas produzem práticas culturais, produzem conhecimentos e aprendizagens, por meio de suas expressões artísticas. Estas práticas culturais juvenis expressam formas de pensar, de estar no âmbito da vida social, e podem “colocar em funcionamento o ‘ensinar’ e o ‘aprender’ não estão separadas das transformações e mudanças sociais e históricas que possibilitam a emergência de outros contextos” (SILVA, 2016:54-55).

Nesta perspectiva, o Movimento Hip Hop é uma das expressões da cultura popular, e também uma das expressões das práticas culturais juvenis contemporâneas. Este movimento por meio de suas linguagens: rap, break e grafite, expressa formas de pensar, estar, conceber a arte, contestar e/ou não a vida social, e estilos de vida coletiva de jovens nos espaços urbanos das cidades.



Desta maneira, podemos nos perguntar: quais pedagogias culturais sobre o Movimento Hip Hop foram produzidas no capítulo: “Hip Hop – Movimento de resistência ou de consumo” do **Livro didático público de Educação Física**?

Com base nos Estudos Culturais não há a hierarquização de culturas, tais como “alta” cultura e “baixa” cultura. Sendo assim, compreendemos como pedagogias culturais a dimensão educativa da hiper-realidade do mundo atual, em que se fazem presentes às mídias eletrônicas. Pois, os ensinamentos e a aprendizagem não ocorrem apenas no espaço escolar, e sim, em outros espaços da vida social, sejam estes socioculturais e/ou políticos (STEINBERG, 2015: 211-212). Podemos expor que as mensagens sociais, políticas e pedagógicas da cultura popular são importantes. Dai decorre as possibilidades de analisar as pedagogias culturais, atentando-se para “as complexas interações entre o poder, o saber, a identidade e a política” (STEINBERG, 2015: 214).

As pedagogias culturais sobre O Movimento Hip Hop estão difundidas nas páginas do capítulo do **livro didático de Educação Física**, que convidam professores/as, alunos/as e/ou outras pessoas que acessam o portal de Educação do Estado do Paraná a refletirem acerca desta expressão da cultura popular negra, presente na sociedade brasileira, relacionando e problematizando o passado e o presente. Segue a análise de nosso objeto de estudo, ou seja, as pedagogias culturais do **Livro didático público de Educação Física** que ensinam sobre o Movimento Hip Hop.

Na primeira página do capítulo se apresenta: o título do capítulo, a autora e os autores, especificando as escolas estaduais, onde estes/as professores/as trabalham; uma fotografia colorida de jovens dançarinos de break, com a seguinte problematização: “Quem são esses jovens? Onde estão? Aquela galera de calça caída, camiseta larga. Com toca ou boné, são todos parceiros, né? Parece que são da mesma família! Por que será que estão sempre juntos? Será que têm algum interesse em comum? Dizem que são do Hip Hop! O que é isso? Vamos descobrir?” (ANGULSKI, FIDALGO & NAVARRO, 2006: 227).

A autora e os autores a partir de questionamentos convidam a reflexão sobre o que é o movimento Hip Hop, no sentido de obter dos/as alunos/as o conhecimento prévio sobre o conteúdo de estudo.



Depois, nas próximas páginas 228 a 230 do capítulo, no texto: “As raízes do Hip Hop”, apresenta-se o que é o movimento Hip Hop, mostrando que este surgiu nos Estados Unidos no século XX, quando havia apartheid, a luta do povo negro norte-americano pelos direitos civis, a exclusão deste, já que foi relegado aos guetos, onde a juventude se rebelou e se manifestou. Alguns ícones do Movimento negro norte-americano são destacados, tais como Malcom X e Martin Luther King, como também da juventude negra, por meio de fotografias. Nome como de DJ África Bambaataa é apresentado como um dos responsáveis pelo surgimento do Movimento Hip Hop, que buscou contestar a institucionalização da segregação social - apartheid e a exclusão do povo negro, articulando vários jovens nos espaços urbanos das cidades. Ainda nestas páginas são apresentados dois box com os conceitos: guetos e cultura popular; e posteriormente discussões sobre o jazz, o rap e o break. Após estas discussões há uma imagem colorida de dois jovens (um negro e um branco) dançando break, com roupas largas e coloridas, e tênis, ambos de cabeças no chão, fazendo movimentos com as pernas para o alto.

Constatamos que a autora e os autores tiveram uma preocupação em historicizar o surgimento do Movimento Hip Hop nos Estados Unidos, apresentando algumas lideranças negras que lutaram contra apartheid, e o estilo de vida e as práticas culturais juvenis negras nos espaços urbanos.

Nas páginas 230 a 237 é apresentado outro texto, com o subtítulo: “Você sabe como e quando o Movimento Hip Hop chegou ao Brasil”. Na página inicial deste texto há um jovem negro, com cabelo black power, camiseta e calça, roupas coloridas e largas, e de tênis, dançando breack, apresentando a estética e estilo da juventude negra, associada ao movimento Hip Hop. Neste texto se destaca que a introdução da cultura Hip Hop no Brasil, ocorreu durante o período do regime militar brasileiro (1964-1985), principalmente, entre a juventude negra da periferia dos espaços urbanos das grandes cidades. A autora e os autores desta produção textual buscaram apresentar que o Movimento Hip Hop, e outros movimentos sociais, tais como: o Movimento em defesa dos favelados (MDF), o Movimento dos trabalhadores rurais sem terra (MST), entre outros, buscaram denunciar as mazelas sociais e exclusão do povo brasileiro pobre.



Além, disso a professora e os professores se preocuparam em problematizar algumas manchetes de revistas referentes Movimento Hip Hop e/ou aos rappers: “O arrastão do RAP” da **Revista Folha** de 14 de abril de 1994, “Som barra-pesada” da **Veja** de 17 de setembro de 1997, “Movimento Hip Hop: a periferia mostra seu magnífico rosto novo” da revista **Caros Amigos – Especial** de 10 de setembro de 1998, e “Mano Brown: líder dos Racionais MC’s – A periferia vai a guerra da revista **Caros Amigos** de 10 de janeiro de 1998, “Folha de São Paulo joga o leitor contra os Racionais MCs” do **Boletim do NPC** de abril de 2004; apresentando-se diferentes olhares sobre a cultura Hip Hop e os rappers dos grupos Racionais e Pavilhão 9, a partir da grande imprensa (**Revista Folha** e **Veja**) como da imprensa alternativa (**Caros Amigos** e **Boletim do NPC**). E ainda questionaram os/as leitores/as: “Qual é a impressão sobre essas manchetes?” (ANGULSKI, FIDALGO & NAVARRO, 2006: 231-236).

Esse questionamento abre caminhos para se analisar os diferentes discursos presentes na mídia sobre o Movimento Hip Hop e os rappers, convidando-se os/as leitores/as a se posicionarem diante dos fatos relatados.

Há uma grande preocupação da autora e dos autores em apresentar a historicidade do Movimento Hip Hop, e também convidar os/as leitores/as a se posicionarem diante de estereótipos propalados na mídia. Por exemplo: a ideia de que os jovens organizados por meio deste movimento seriam exclusivamente “criminosos, bandidos, assassinos e usuários de drogas” (ANGULSKI, FIDALGO & NAVARRO, 2006: 231).

Na terceira e última parte do capítulo, nas páginas 237 a 244, apresenta-se o texto, com o seguinte subtítulo: “Os elementos do Hip Hop”, onde há explicações sobre: rap, Dj, MC, break e o grafite; com imagens e fotografias destes elementos que compõem o Movimento Hip Hop. E nas páginas finais ainda se problematiza: “Afinal, o que é o Movimento Hip Hop” (ANGULSKI, FIDALGO & NAVARRO, 2006: 243).

Ao final do capítulo a autora e os autores afirmam que o Movimento Hip Hop é um movimento de resistência das culturais juvenis, nos espaços urbanos das cidades. Além disso, por todo o capítulo são propostas diferentes atividades pedagógicas para a realização do estudo: pesquisa, debate e apresentações culturais sobre o Movimento Hip Hop no espaço escolar.



A autora e os autores buscaram mostrar que o Movimento Hip Hop, expressão da cultura popular, configurou-se em um espaço de contestação e de denúncia das desigualdades econômicas e sociais do povo pobre, e dentre estes os/as negros/as que viviam na periferia. E mais, que nos espaços urbanos das cidades a juventude expressou suas práticas culturais, por meio de quatro elementos: break, grafite, Dj e MC que formam o rap.

Compreendemos que a cultura popular é um espaço de contestação, baseando-se em “experiências, prazeres, memórias e tradições do povo. Ela tem ligações com as esperanças e aspirações locais, tragédias e cenários locais que são práticas e experiências cotidianas de pessoas comuns” (HALL, 2013: 378-379).

A inclusão do Movimento Hip Hop no currículo permite abrir caminhos para que a cultura popular negra adentre o espaço escolar, possibilitando a problematização das relações étnicorraciais em diferentes contextos históricos, ou seja, tanto no Brasil como nos Estados Unidos, em uma perspectiva de longa duração.

Isso é muito bom, porque o estudo sobre o Movimento Hip Hop apresentado no capítulo do livro de Educação Física convida os/as alunos/as e professores/as a refletirem acerca da questão do racismo e das relações étnicorraciais. Pois, a sociedade brasileira não está isenta do problema social do racismo, porque aqui nós não tivemos apartheid como nos Estados Unidos.

Desta maneira, para se ampliar o estudo sobre o Movimento Hip Hop nos Estados Unidos e no Brasil, na formação docente inicial e continuada propomos a pesquisa a partir de algumas publicações, tais como: **Estados Unidos: a consolidação da nação** (2001) de Mary Junqueira para se refletir sobre o povo negro norte-americano após o fim da escravidão; o verbete: “Ku Klux Klan” do **Dicionário crítico do pensamento da direita: ideias, instituições e personagens** (2000: 269-270) organizado por Francisco Carlos Teixeira da Silva, Sabrina Evangelista Medeiros e Alexander Martins Vianna, para estudar sobre a KKK, que surgiu nos Estados Unidos com o objetivo de exterminar a população negra; **História e cultura afrobrasileira** (2008) de Regiane Augusto de Mattos, para se pensar o Movimento Hip Hop nos Estados Unidos e no Brasil; **1976 Movimento Black no Rio** (2016) de Luiz Felipe de Lima Peixoto e Zé Octávio Sebadelhe para se vislumbrar a cultura Black Power no



Brasil, os bailes e a afirmação da identidade negra, enfim a cultura popular negra carioca.

Nós propomos também a exibição e a análise de alguns artefatos culturais da mídia, como: o filme “Mississippi em chamas” (1989) de direção de Alan Parker que faz a representação da luta de negros/as pelos direitos civis nos Estados Unidos; e o documentário “Falcão: meninos do tráfico” (2006) produzido pelo rapper MV Bill, pelo seu empresário Celso Athayde e pelo centro de audiovisual da Central Única das Favelas, a fim de refletir sobre a realidade excludente da juventude pobre e negra na periferia do espaço urbano da cidade; e o Rap “Racismo é burrice” do rapper Gabriel, o pensador. Estes artefatos culturais nos possibilitam construir caminhos para se problematizar e analisar as relações étnicorraciais nos Estados Unidos e no Brasil.

Assim, nós constatamos que o **Livro didático de Educação Física** lançado em 2006 contempla a discussão da Academia e a determinações da Lei 10.639/2003. A autora e os autores do livro didático reconheceram a relevância do estudo do Movimento Hip Hop, uma das expressões da cultura popular negra, na abordagem do conteúdo estruturante dança, estabelecendo diálogos entre História, Educação Física, Arte e práticas culturais juvenis.

Considerações finais

Com a aprovação da Lei n. 10.639/2003 que estabeleceu a obrigatoriedade da história, cultura africana e afrobrasileira nas instituições de ensino de nosso país, nós precisamos repensar a formação inicial e continuada de professores/as, o currículo escolar e nossas práticas pedagógicas.

O estudo sobre o Movimento Hip Hop, desde seu surgimento nos Estados Unidos à sua chegada ao Brasil nos proporciona problematizar a analisar as relações étnicorraciais e o racismo, em diferentes contextos históricos. No sentido de construirmos uma Educação multicultural, ou seja, uma prática pedagógica antirracista no processo de ensino e aprendizagem.



Por isso, nós podemos asseverar que o **Livro didático de Educação Física** (2006) ao fazer a abordagem das práticas culturais juvenis: o Movimento Hip Hop, possibilita diálogos entre a Educação Física, História, Arte e culturas juvenis na sociedade contemporânea. Pois, contribui para que a cultura popular negra “saia” da rua e adentre a escola, a partir de estudos e pesquisas, ensino e aprendizagem acerca da história e cultura afrobrasileira.

Referências

ANGULSKI, Cíntia Müller. FIDALGO, Mario Cerdeira. NAVARRO, Rodrigo Tramutolo. Hip Hop – Movimento de resistência ou de consumo? In: PARANÁ. **Livro didático de Educação Física. Ensino Médio**. 2. ed. Curitiba: SEED-PR, 2006. p. 227-246.

BRASIL. Lei n. 10.639, de 09 de janeiro de 2003, que instituiu a obrigatoriedade do ensino História da África, dos africanos no Brasil e da cultura afrobrasileira nas instituições públicas e privadas.

CANDAU, Vera Maria; Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antonio Flávio. CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 13-37.

DOCUMENTÁRIO: Falcão: meninos do tráfico (2006), produzido pelo rapper MV Bill, pelo seu empresário Celso Athayde e pelo centro de audiovisual da Central Única das Favelas. Disponível no site: <<https://www.youtube.com/watch?v=B-s2SDi3rkY>> Acesso em: 10 jul. 2017

FEIXA, Carles P. **De jovens bandas e tribos**. Barcelona: Ariel, 1998.

FILME: Mississippi em chamas (1989) de direção de Alan Parker. Disponível no site:<<https://www.youtube.com/watch?v=J7xpFT-7TPA>> Acesso em 10 jul. 2017

GOODSON, Ivor. **A construção social do currículo**. Lisboa: Educa, 1997.

GUIMARÃES, Valéria Lima. Ku Klux Klan. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. MEDEIROS, Sabrina Evangelista. VIANNA, Alexander Martins (orgs.). **Dicionário crítico do pensamento da direita: ideias, instituições e personagens**. RJ: FAPERJ; MAUAD, 2000, p. 269-270.



HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Trad. Adelaine La Guardia Resende. et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2013.

JUNQUEIRA, Mary. **Estados Unidos: a consolidação da nação**. São Paulo: Contexto, 2001.

MALERBA, Jurandir. BERTONI, Mauro. **Nossa gente brasileira**. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

MATTOS, Regiane Augusto. **História e cultura afrobrasileira**. SP: Contexto, 2008.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade negra versus identidade nacional**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.

MÚSICA: “Racismo é burrice” do rapper Gabriel, o pensador. Disponível no site: <https://www.youtube.com/watch?v=WZUycmYkT6M> Acesso em: 10 jul. 2017

PARANÁ. Livro didático de Educação Física. Ensino Médio. 2. ed. Curitiba: SEED-PR, 2006.

PEIXOTO, Luiz Felipe de Lima. SEBADELHE, Zé Octávio. **1976 Movimento Black no Rio**. RJ: José Olympio, 2016.

SILVA, Eloenes Lima da. Grafites, pichações e outras pedagogias das ruas: juventudes, cultura visual e Educação. In: CAMOZZATO, Viviane de Castro. et al. **Pedagogias culturais: a arte de produzir modos de ser e viver na contemporaneidade**. Curitiba: Appris Editora, 2016. p. 53-67.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

STEINBERG, Shirley R. Produzindo múltiplos sentidos – pesquisa com bricolagem e pedagogia cultural. In: KIRCHOF, Edgard Roberto. WORTMANN, Maria Lúcia. COSTA, Marisa Vorraber (Orgs.). **Estudos Culturais e Educação: contingências, articulações, aventuras, dispersões**. Canoas: Ed. Ulbra, 2015. p. 211- 241.